

DEFINIÇÕES SEXUAIS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS¹

Maria-João Alvarez²

João Nogueira³

Resumo: O objectivo deste estudo foi o de clarificar, através de questionários, que comportamentos se associam a ter sexo, a parceiro sexual e a infidelidade e explorar factores preditores das definições encontradas, comparando os resultados de uma amostra de 152 estudantes universitários portugueses com os resultados de amostras de outros países. Ter relações sexuais revelou-se sinónimo de relações pénis-vagina (> 95%) e de sexo anal (91-92%). Ao contrário de resultados encontrados noutras amostras, os contactos orogenitais foram considerados como uma forma de ter sexo (78-84%). A amplitude das definições mostrou-se diferente, sendo possível ter um comportamento de infidelidade sem ser um parceiro sexual e ser considerado um parceiro sexual sem que exista sexo entre duas pessoas. Encontraram-se poucas diferenças, de acordo com o género, e a existência de orgasmo afectou as definições de ter sexo e de parceiro sexual. Conclui-se ser essencial explicitar o que se entende pelos termos sexuais utilizados na investigação e discutem-se implicações para a prevenção de comportamentos sexuais de risco.

Palavras-chave: definições sexuais, estudantes universitários, ter sexo, parceiros sexuais, infidelidade.

Sexual definitions' of university students (Abstract): The purpose of this study was to clarify, using questionnaires, the behaviour associated with having sex, sexual partners and infidelity. It was also the aim to explore the predicting factors of the definitions found, comparing the results of a sample of 152 Portuguese university students with the results of samples from other countries. Our findings suggested that having sex meant penis-vagina relations (> 95%) or anal sex (91-92%). Contrary to the results found in other samples, the oral-genital contacts were considered an instance of having sex (78-84%). The range of definitions differed since it is possible to have infidelity behaviour without a sexual partner and to be a sexual partner without the existence of sex between two people. Few gender differences were found and the presence of an orgasm affected the definitions of

¹ Os autores agradecem a Mónica Colaço, Herminia Roldão e Maria Inês Parente a recolha e introdução dos dados.

A correspondência deve ser enviada para Maria-João Alvarez, mjalvarez@fpce.ul.pt

² Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa – FPCE-UL.

³ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – FCSH-UNL.

having sex and sexual partner. The study concludes that a clarification for sexual words used in research is essential and discusses the implications for the prevention of high risk sexual behaviour.

Keywords: sexual definition; university students; having sex; sexual partner; unfaithful sexual behavior.

Introdução

Encontra-se, frequentemente, nos estudos, uma disparidade entre o número de parceiros sexuais relatados por homens e por mulheres. Este resultado intrigou desde sempre os investigadores, pois, descontados os contactos sexuais fora do país, as médias deviam ser iguais para amostras representativas de ambas as populações se todos os parceiros fossem do sexo oposto. As razões avançadas para esta diferença (e.g., a recorrência a um maior número de trabalhadoras do sexo pelos homens, a existência de parceiras sexuais mais novas, fora dos limites estipulados nas amostras, e a presença de um maior número de casos extremos entre os homens, em amostras heterossexuais), nunca resistiram às provas empíricas realizadas para as testar (Leridon, Zessen & Hubert, 1998). Deste modo, é praticamente consensual que as pessoas contam de forma diferente, ou seja, não definem “parceiro sexual” da mesma maneira.

Será que os indivíduos utilizam critérios comportamentais diferentes quando definem outros termos sexuais? Se assim for, estas disparidades têm implicações para a saúde pública e para a investigação, em particular no que respeita à validade dos auto-relatos, e para a clarificação das diferenças entre géneros relatadas. No entanto, ainda que nalgumas recolhas se opte por explicitar o que se entende pelo comportamento a perscrutar, muitas vezes esta ambiguidade não é desfeita quando se avaliam comportamentos sexuais.

A diversidade de sentidos associada aos termos sexuais é frequentemente encontrada nos estudos. De facto, só uma ampla variedade de comportamentos associados a “ter sexo” ajuda a dar sentido à “perda de virgindade”, por exemplo, no contexto de relacionamentos homossexuais (Carpenter, 2001). Importa perceber se valerá a pena definir os termos utilizados na investigação sexual ou se as pessoas partilham, para a maioria deles, uma representação semelhante e específica.

Investigações recentes nos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Canadá mostraram como os estudantes universitários diferem na opinião que têm sobre o que é ter sexo (Pitts & Rahman, 2001; Randall & Byers, 2003; Richters & Song, 1999; Sanders & Reinisch, 1999), sobre quem é um parceiro sexual e acerca da existência de um comportamento sexual de infi-

delidade (Randall & Byers, 2003). Mais de 95% dos respondentes entende as relações pénis-vagina como um exemplo de ter sexo, mas apenas 21% a 58% o considera quando se trata de sexo oral. Já a definição de parceiro sexual é mais abrangente, sendo que a maioria dos estudantes inclui o comportamento pénis-vagina na sua definição, dois terços entende o contacto oral como suficiente para considerar uma pessoa sua parceira sexual e metade atribui às carícias genitais o mesmo significado. No respeitante à infidelidade, a maioria dos estudantes considera todos estes comportamentos como expressão de deslealdade.

Definições Sexuais e Seus Preditores

Todos os estudantes universitários das amostras estudadas nos diferentes países referidos se pronunciaram sobre “se diriam que tiveram sexo com uma pessoa se o comportamento mais íntimo em que se envolveram foi...” [o beijo profundo, tocar nos órgãos sexuais com a mão, sexo oral (boca no pénis ou na vulva), pelo próprio e pelo parceiro, e penetração da vagina ou do ânus pelo pénis]. Nalguns estudos averiguaram-se outros comportamentos sexuais como o contacto oral e as carícias no seu peito e no do parceiro (Pitts & Rahman, 2001; Randall & Beyers, 2003; Sanders & Reinisch, 1999). Noutros estudos, ainda, o sexo oral, vaginal e anal foi estudado com e sem a ocorrência de orgasmo (Randall & Byers, 2003; Richters & Song, 1999).

O comportamento sexual mais consensualmente associado a ter sexo disse respeito às relações pénis-vagina. O entendimento dos contactos orogenitais como expressão de ter sexo foi um dos comportamentos mais divergentes. Menos de um terço dos estudantes canadianos e ingleses consideram-nos uma manifestação de ter sexo, enquanto 40 e 58% dos estudantes norte-americanos e australianos, respectivamente, lhe atribuíram esta conotação. 10 a 22% excluiu o sexo anal das suas definições de ter sexo com outra pessoa. E só 14 a 30% dos estudantes considerou a masturbação mútua como uma expressão de ter sexo. Estes dados mostram como o entendimento do que é ter sexo é variável, e culturalmente sensível, entre os indivíduos. E revelam ainda como os critérios utilizados podem propiciar, quer o envolvimento em comportamentos sexuais de risco, uma vez que se exclui da definição de ter sexo comportamentos que exigem protecção sexual, quer a exclusão de práticas não penetrativas do repertório de comportamentos conotados com ter sexo.

A idade e, nalguns casos, o género encontram-se entre as características pessoais que afectaram a definição do que constitui ter sexo em algumas amostras. Em geral, os mais novos incluíram menos comportamentos sexuais nas suas representações de sexo e os mais velhos mostraram maior

probabilidade de conceberem para esta definição actividades não coitais (Pitts & Rahman, 2001; Richters & Song, 1999). Também os rapazes revelaram maior probabilidade de considerarem comportamentos que não o coito como exemplos de sexo (Pitts & Rahman, 2001; Richters & Song, 1999). Esta tendência poderá reflectir uma orientação mais positiva face ao comportamento sexual, por parte dos homens, designada “erotofilia” (Fisher, Byrne, White & Kelley, 1988). A experiência sexual não mostrou afectar a definição de ter sexo, embora os estudantes cuja experiência se limitava a contactos orogenitais tendesse significativamente a não os incluir na sua definição (Richters & Song, 1999).

No estudo canadiano de Randall e Byers (2003), para além de se ter investigado o significado atribuído a ter sexo, averiguou-se ainda as definições de parceiro sexual e de comportamento sexual de infidelidade, utilizando os mesmos comportamentos para o estudo das três definições. Na tentativa de encontrar factores preditores das diferenças encontradas na investigação, relacionou-se empiricamente com as definições, para além da idade, género e experiência sexual, conceitos como a erotofilia-erotofobia (Fisher *et al.*, 1988) e a permissividade sexual (Lottes & Kuriloff, 1998). A dimensão de personalidade relacionada com a erotofilia-erotofobia traduz-se numa inclinação afectiva e avaliativa aprendida face aos estímulos sexuais. Este conceito envolve comportamentos de evitamento e de aproximação, numa variedade de situações sexuais, tendo as pessoas erotofílicas mais experiências e fantasias sexuais, atitudes mais positivas face à masturbação, maior predisposição para aprender e ensinar assuntos relacionados com a sexualidade e atitudes sexuais mais liberais, por comparação com os indivíduos erotofóbicos (Fisher *et al.*, 1988). Uma vez que os homens revelam habitualmente maior erotofilia (Purnine & Carey, 1998), pressupôs-se maior amplitude de comportamentos incluídos pelos homens nas suas definições de sexo. Considerou-se, igualmente, provável a influência da socialização sexual de pais e de pares nas definições dos termos sexuais, sendo maior permissividade esperada para definições mais abrangentes. A permissividade refere-se à aceitação de interacções sexuais fora do casamento e a influência permissiva é aquela que encoraja os envolvimento sexuais numa variedade de relacionamentos. A influência não permissiva desencoraja relacionamentos casuais, promove a abstinência ou o envolvimento sexual circunscrito a relacionamentos de longa duração (Lottes & Kuriloff, 1998).

Os comportamentos empregues para definir um parceiro sexual mostraram-se mais vastos do que os utilizados na definição do que é ter sexo e menos amplos do que os usados para definir a infidelidade sexual. As características pessoais como a idade e a experiência diferenciaram as definições de parceiro sexual, tendo os estudantes mais velhos e com menos experiência definições mais amplas de parceiro sexual (Randall & Byers,

2003). Género, idade, experiência sexual, erotofilia-erotofobia e permissividade sexual não diferenciaram as definições de infidelidade e do significado de ter sexo (Randall & Byers, 2003). A ocorrência de orgasmo revelou-se significativa para as três definições, ao contrário do que se encontrou para a definição de sexo na amostra australiana (Richters & Song, 1999). Estes resultados mostram, mais uma vez, a adopção de critérios comportamentais diferentes por parte dos indivíduos. E alertam para a necessidade da investigação alargar os termos sobre os quais incide a pesquisa, porque é possível ter um comportamento de infidelidade, sem se ser um parceiro sexual, ou ser considerado um parceiro sexual sem que tenha existido sexo entre as duas pessoas.

Desconhecemos, em Portugal, dados empíricos sobre a forma como a população define os termos sexuais comumente utilizados na investigação. Este estudo em pequena escala recorreu aos questionários utilizados no estudo de Randall e Byers (2003) para exploratoriamente obter dados acerca do entendimento de estudantes universitários sobre o que é ter sexo, que comportamentos conduzem ao estatuto de parceiro sexual e quando se considera um comportamento sexual como expressão de infidelidade, investigando o papel do orgasmo nas definições. Pretendemos ainda investigar alguns factores preditores do carácter mais ou menos amplo das definições como a idade, o género, a experiência sexual, a erotofilia-erotofobia e a permissividade sexual.

Método

Participantes

Os dados foram recolhidos junto de uma amostra de conveniência de estudantes universitários portugueses. A amostra foi constituída por 152 estudantes de 3 faculdades, 89 raparigas (58,6%) e 63 rapazes (41,4%) entre os 17 e os 50 anos, com uma média de idades de 22,92 e um desvio-padrão de 4,61. A maioria dos estudantes encontrava-se nos 1.º e 4.º anos da faculdade. Noventa e dois por cento descreveu-se como heterossexual e os restantes como bissexuais. A maioria considerou-se católica (60,5%), 10% protestante e 29,5% incluiu-se noutras religiões. Mais de metade da amostra (55%) não se encontrava num relacionamento no momento em que os dados foram recolhidos.

Medidas

Para a informação demográfica e da história de encontros, averiguou-se a idade, o sexo, as crenças religiosas (católica, protestante, outras), a

orientação sexual, o estatuto relacional (casado, divorciado, solteiro com namorado e solteiro sem namorado), ano a frequentar na faculdade e a história de encontros (*curte*, i.e., relacionamento sem relações sexuais, relações sexuais fortuitas, namoros de curta duração e namoros de longa duração).

Utilizou-se o Questionário de Definições Sexuais (QDS) adaptado de Sanders e Reinisch (1999), alargado à definição de parceiro e de infidelidade por Randall e Byers (2003). Os participantes indicaram quais os comportamentos que consideravam ilustrativos de “ter sexo”, a partir das seguintes instruções: “diria que teve sexo com uma pessoa se o comportamento mais íntimo em que se envolveram foi..... (comportamento sexual)”. Foram acrescentadas aos 11 comportamentos sexuais referidos na introdução variantes com e sem orgasmo, para quatro comportamentos sexuais (tocar nos genitais, contactos orais com os genitais, relações pénis-vagina e relações pénis-ânus). Foram adicionados, ainda, outros três itens referentes à masturbação na presença um do outro e à masturbação ao telefone e ao computador em contacto um com o outro, num total de 18 itens. Os estudantes utilizaram uma escala de Sim (1) e Não (0) para expressarem a sua concordância face ao comportamento fazer parte da sua definição de ter sexo. Os dados foram somados, podendo ter uma amplitude de 0 (nenhum comportamento) a 18 (todos os comportamentos), a qual indica a quantidade de comportamentos incluídos na definição. Para a comparação dos itens com e sem a ocorrência de orgasmo foram somados os seis itens em que se explicita que houve orgasmo e os seis itens em que se diz que não houve orgasmo (os comportamentos “tocar nos genitais” e “contactos orais com os genitais” são descritos tendo como alvo o próprio e o parceiro). O coeficiente *alpha de Cronbach* encontrado no presente estudo para os 18 itens foi de 0,86.

Para o Questionário de Definição de Parceiro Sexual (QDPS) e para o Questionário de Definição de Infidelidade Sexual (QDIS), os participantes receberam as seguintes instruções, respectivamente: “Diria que uma pessoa foi um(a) dos(as) seus(suas) parceiros(as) sexuais se o comportamento mais íntimo em que se envolveram tiver sido..... (comportamento sexual)”, “Diria que o(a) seu(sua) parceiro(a) lhe foi infiel se o comportamento mais íntimo em que eles se envolveram tiver sido.....”. Quer os comportamentos sexuais, quer o formato de resposta foram semelhantes aos do Questionário de Definições Sexuais. Os coeficientes de *alpha de Cronbach* encontrados foram de 0,89 e 0,94, respectivamente.

O Instrumento de Socialização Sexual (ISS) (*Sexual Socialization Instrument* de Lottes & Kuriloff, 1998), traduzido e adaptado por Alvarez (2005), foi utilizado para avaliar as influências de socialização sexual dos pais e dos pares. Os participantes utilizaram uma escala de *Likert* de 5 pontos, entre “discordo totalmente” (1) e “concordo totalmente” (5), para ava-

liarem 20 itens que envolvem informação sobre a opinião de pais e de pares sobre um conjunto de comportamentos sexuais mais e menos permissivos. Os valores oscilam entre 20 a 100 pontos, sendo que os mais elevados indicam maior permissividade por parte de pares e pais. Os estudos de teste-reteste que compararam uma amostra de estudantes universitários do primeiro ano com os resultados para a mesma amostra quatro anos depois encontraram valores de 0,55 e 0,47, respectivamente. Os valores de *alpha de Cronbach* encontrados no estudo original do instrumento variaram entre 0,78 e 0,85. A validade do instrumento foi constatada através de resultados significativos para correlações previstas, nomeadamente através de uma correlação significativa entre o instrumento e o número de parceiros sexuais e uma correlação negativa com a idade da primeira relação sexual (Lottes & Kuriloff, 1998). O coeficiente de *alpha de Cronbach* foi de 0,80 na presente aplicação.

O Questionário de Opinião Sexual (QOS) (*The Sexual Opinion Survey*, de Fisher, 1998), traduzido e adaptado por Alvarez (2005), foi utilizado para avaliar a inclinação positiva, erotofilia, ou negativa, erotofobia, face aos estímulos sexuais. Trata-se de um questionário composto por 21 itens que envolvem estímulos sexuais relacionados com comportamentos auto-sexuais, heterossexuais e homossexuais e, ainda, fantasias sexuais e estímulos sexuais visuais. Na presente investigação a escala de *Likert* de 7 pontos utilizada no estudo canadiano foi substituída por uma escala de 5 pontos – de “discordo totalmente” (1) a “concordo totalmente” (5) –, com o objectivo de uniformizar as escalas utilizadas pelos participantes. A pontuação deste questionário oscila entre 21 e 105, correspondendo os valores mais elevados a maior erotofilia. Os resultados de teste-reteste de 0,84 para um período de duas semanas com estudantes universitários foram considerados elevados e o *alpha de Cronbach* variou entre 0,82 e 0,90. Relativamente aos estudos de validade, o traço disposicional da erotofilia-erotofobia correlacionou-se com uma série de comportamentos que reflectem evitamento ou aproximação face à sexualidade, mais concretamente comportamentos sexuais diferenciados entre erotofílicos e erotofóbicos, no sentido dos últimos se envolverem menos em comportamentos de auto-estimulação e em comportamentos de interacção sexual e revelarem maior culpa sexual, maior homofobia e maior adopção de papéis sexuais tradicionais (Fisher, 1998). O coeficiente de *alpha de Cronbach* foi de 0,84 no presente estudo.

A Escala de Experiência Sexual (EES) (*The Cowart-Pollack Scale of Sexual Experience* de Cowart-Steckler & Pollack, 1998), tradução de M.^a João Alvarez, Patrícia Pascoal e Rui Henriques (2005)⁴, é composta por

⁴ Trata-se de uma escala para indivíduos heterossexuais, necessitando de um esforço de adaptação por parte de respondentes homossexuais ou bissexuais.

uma ampla lista de comportamentos sexuais que os participantes avaliam com “Sim” (1) ou “Não” (0), indicando se já passaram ou não pela experiência sexual descrita. Esta escala é composta por duas versões, uma feminina, com 30 itens, e outra masculina, com 31 itens. A soma da escala pode oscilar entre 0 e 30 ou 31 pontos, sendo que os valores mais elevados são indicadores de maior experiência sexual. Os estudos de teste-reteste com estudantes universitários obtiveram valores de reprodutibilidade entre 0,85 e 0,88 para a escala masculina e entre 0,87 e 0,88 para a escala feminina. Entre 1979 e 1983 aumentou o número de experiências sexuais tidas pelos indivíduos (Coward-Steckler & Pollack, 1998). Os coeficientes de *alpha de Cronbach* foram de 0,96 e 0,95 para a escala feminina e masculina, respectivamente, na presente aplicação.

Procedimento

Os participantes foram contactados nas aulas e nos corredores das respectivas faculdades e, após garantia de anonimato, foram solicitados a fazer parte do estudo voluntariamente. A maioria dos questionários foi preenchida, em grupo, nas salas de aula e alguns no corredor, na presença de uma ou de duas das colaboradoras do estudo, tendo sido incentivados a sentarem-se afastados uns dos outros para garantir a privacidade. Em três casos, os estudantes levaram os questionários para preencher e entregaram-nos mais tarde. O preenchimento ocupou em média 20 a 30 minutos. A ordem de apresentação dos questionários começou sempre pela informação demográfica e da história de encontros, seguida alternadamente pelos Questionários de Definições Sexuais e de Definição de Parceiro Sexual, seguida pelo Instrumento de Socialização Sexual e pelo Questionário de Opinião Sexual, também eles alternados, terminando com o Questionário de Definição de Infidelidade Sexual, seguido pela Escala de Experiência Sexual.

Resultados

Os comportamentos incluídos na definição de ter sexo, de parceiro sexual e de infidelidade sexual pelos estudantes são apresentados em percentagens nas Tabelas 1, 2 e 3, respectivamente. As relações vaginais foram o comportamento prototípico associado a ter sexo (100% quando há orgasmo e 95,9% quando não há orgasmo), seguido pelas relações anais (91% e 92%, com e sem orgasmo, respectivamente) e pelos contactos orogenitais (entre 83,6% e 82,2% quando há orgasmo e entre 78,5 e 77,6% quando sem orgasmo) (Tabela 1). Dois outros comportamentos foram considerados como ter sexo por mais de metade da amostra, mais precisamente por 52,4 a 53,8% dos participantes, referimo-nos a tocar nos genitais do parceiro ou

este tocar nos seus com orgasmo. Todos os outros comportamentos não foram considerados como ter sexo por mais de metade da amostra, isto é, beijos, contactos boca-mamilos, masturbação até ao orgasmo na presença um do outro, masturbação ao telefone ou ao computador até ao orgasmo e ainda toques nos genitais sem orgasmo.

Tabela 1: Percentagem de estudantes que inclui cada comportamento na sua definição de “Ter Sexo”

	Raparigas	Rapazes	Total
Beijos profundos/beijos com a língua	3,4	24,6	12,2
Contacto da boca com o peito/mamilos dela(e)	13,8	36,1	23,0
Contacto da boca dela(e) com os seus peitos/mamilos	14,0	36,1	23,1
Tocarem nos seus genitais e ter orgasmo	47,7	59,0	52,4
Tocarem nos seus genitais e não ter orgasmo	38,8	47,5	42,5
Contacto oral com os genitais dela(e) com orgasmo	81,2	83,6	82,2
Contacto oral com os genitais dela(e) sem orgasmo	76,2	79,7	77,6
Contacto oral dela(e) com os seus genitais com orgasmo	81,2	86,9	83,6
Contacto oral dela(e) com os seus genitais sem orgasmo	76,5	81,4	78,5
Tocar nos genitais dela(e) com orgasmo	49,4	60,0	53,8
Tocar nos genitais dela(e) sem orgasmo	48,2	51,7	49,7
Relações pénis-vagina com orgasmo	100	100	100
Relações pénis-vagina sem orgasmo	97,7	93,4	95,9
Relações pénis-ânus com orgasmo	94,3	86,7	91,2
Relações pénis-ânus sem orgasmo	94,3	88,3	91,8
Masturbação até ao orgasmo na presença um do outro	36,1	33,3	35,0
Masturbação até ao orgasmo, ao telefone, em contacto um com o outro	22,0	13,3	18,3
Masturbação até ao orgasmo, no computador, em contacto um com o outro	19,5	11,7	16,2

Relativamente à definição de parceiro sexual, as relações vaginais, anais e orais tornaram o parceiro claramente um parceiro sexual (todos os comportamentos com valores superiores a 86%) (Tabela 2). A diferença comparativamente aos comportamentos que ilustram “ter sexo” refere-se às carícias nos genitais, mesmo sem orgasmo, tornarem, para a maioria dos estudantes (acima de 56%), a pessoa um parceiro sexual.

Tabela 2: Percentagem de estudantes que inclui cada comportamento na sua definição de “Parceiro Sexual”

	Raparigas	Rapazes	Total
Beijos profundos/beijos com a língua	8,2	17,7	12,2
Contacto da boca com o peito/mamilos dela(e)	27,4	32,8	29,7
Contacto da boca dela(e) com os seus peitos/mamilos	28,6	34,4	31,0
Tocarem nos seus genitais e ter orgasmo	58,3	68,9	62,8
Tocarem nos seus genitais e não ter orgasmo	57,1	55,7	56,6
Contacto oral com os genitais dela(e) com orgasmo	89,3	83,6	86,9
Contacto oral com os genitais dela(e) sem orgasmo	89,3	83,6	86,9
Contacto oral dela/e com os seus genitais com orgasmo	88,1	86,9	87,6
Contacto oral dela/e com os seus genitais sem orgasmo	89,3	82,0	86,2
Tocar nos genitais dela(e) com orgasmo	64,3	65,6	64,8
Tocar nos genitais dela(e) sem orgasmo	63,1	60,7	62,1
Relações pénis-vagina com orgasmo	98,8	96,7	98,0
Relações pénis-vagina sem orgasmo	97,6	93,4	95,9
Relações pénis-ânus com orgasmo	94,0	90,0	92,4
Relações pénis-ânus sem orgasmo	94,1	86,7	91,0
Masturbação até ao orgasmo na presença um do outro	49,4	46,7	48,2
Masturbação até ao orgasmo, ao telefone, em contacto um com o outro	30,9	18,6	25,7
Masturbação até ao orgasmo, no computador, em contacto um com o outro	28,4	16,9	23,6

No que respeita ao comportamento de infidelidade, todos os comportamentos foram categorizados como tal por uma ampla maioria de estudantes (Tabela 3). Comportamentos considerados por uma minoria como ilustrativos de ter sexo ou de se ser um parceiro sexual foram agora considerados por mais de 79% de indivíduos como expressão de um comportamento de infidelidade sexual, como são o caso da masturbação até ao orgasmo ao telefone ou ao computador, em contacto um com o outro. Todos os outros comportamentos foram considerados expressão de infidelidade por mais de 88% dos estudantes.

Tabela 3: Percentagem de estudantes que inclui cada comportamento na sua definição de “Infidelidade”

	Raparigas	Rapazes	Total
Beijos profundos/beijos com a língua	88,5	87,1	87,9
Contacto da boca com o peito/mamilos dela(e)	91,9	83,9	88,5
Contacto da boca dela(e) com os seus peitos/mamilos	93,0	83,9	89,2
Tocarem nos seus genitais e ter orgasmo	95,3	91,9	93,9
Tocarem nos seus genitais e não ter orgasmo	95,3	85,5	91,2
Contacto oral com os genitais dela(e) com orgasmo	97,7	95,2	96,6
Contacto oral com os genitais dela(e) sem orgasmo	97,6	91,9	95,2
Contacto oral dela(e) com os seus genitais com orgasmo	97,7	93,5	95,9
Contacto oral dela(e) com os seus genitais sem orgasmo	97,7	91,9	95,3
Tocar nos genitais dela(e) com orgasmo	96,5	93,5	95,3
Tocar nos genitais dela(e) sem orgasmo	96,5	88,7	93,2
Relações pénis-vagina com orgasmo	97,7	96,8	97,3
Relações pénis-vagina sem orgasmo	97,7	93,5	95,9
Relações pénis-ânus com orgasmo	97,7	95,2	96,6
Relações pénis-ânus sem orgasmo	97,7	93,5	95,9
Masturbação até ao orgasmo na presença um do outro	95,2	83,6	90,3
Masturbação até ao orgasmo, ao telefone, em contacto um com o outro	88,0	72,1	81,3
Masturbação até ao orgasmo, no computador, em contacto um com o outro	85,5	70,5	79,2

Uma análise de variância (ANOVA) de 2 (género) x 3 (definições), com medidas repetidas (Tabela 4), foi realizada para determinar a amplitude das definições de acordo com o género. A comparação entre as médias das definições mostrou-se significativa, $F(2, 126) = 108,65$, $p < 0,01$, e revelou que os estudantes incluem mais comportamentos na definição de infidelidade e de parceiro sexual do que na sua definição de ter sexo ($M_{DIS} = 16,7 > M_{DPS} = 11,4 > M_{DS} = 10,1$, $p < 0,01$, com correcção de Bonferroni para comparações múltiplas). Não se encontrou um efeito principal para o género, mas encontrou-se um efeito de interacção entre as definições e o género. Os rapazes consideram mais comportamentos como sexuais ($M_{mas} = 10,67$, $DP = 3,56 > M_{fem} = 9,68$, $DP = 3,87$) e as raparigas mais comportamentos como ilustrações de infidelidade ($M_{fem} = 17,27$, $sd = 2,49 > M_{mas} = 16,02$, $DP = 3,79$).

Tabela 4: Análise de variância (ANOVA) de 2 (género) x 3 (definições) com medidas repetidas

Efeito	Origem	ANOVA	
Entre sujeitos	Género	F(1, 127)	0,052
Intra-sujeitos	Definições	F(2, 126)	108,65 **
	Género x Definições	F(2, 126)	3,26*

Nota: ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$ (as razões F são aproximações de Wilks (λ)).

Para terminar o papel do orgasmo nas definições foi realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA) de 3 (definições) x 2 (género), com medidas repetidas (orgasmo/sem orgasmo) (Tabela 5), que permitiu verificar que as definições variam de acordo com a presença de orgasmo, $F_{mult}(3, 131) = 2,71$, $p < 0,05$. Os testes univariados mostraram que os comportamentos são incluídos com maior probabilidade nas definições quando existe orgasmo, quer na definição de sexo, $F(1, 133) = 5,81$, $p < 0,05$, ($M_{DSorg} = 4,62$; $M_{DSS/org} = 4,39$), quer na definição de parceiro sexual, $F(1, 133) = 4,19$, $p < 0,05$, ($M_{DPSorg} = 4,93$; $M_{DPS/org} = 4,81$), não havendo diferença para a definição de infidelidade sexual, $F(1, 133) = 2,82$, ns, ($M_{DISorg} = 5,76$; $M_{DIS/org} = 5,69$). Não se encontrou um efeito principal para o género nem efeitos de interacção.

Foram efectuadas três análises de regressão múltipla separadas para examinar as variáveis relacionadas com a amplitude das definições de “ter sexo”, “parceiro sexual” e “infidelidade” (Tabela 6).

Tabela 5: Análise de variância multivariada (MANOVA) de 3 (definições) x 2 (género), com medidas repetidas (orgasmo/sem orgasmo)

Efeito	Origem	MANOVA		ANOVA		ds	dps	dis
Entre sujeitos	Género	F(3, 131)	1,57	F(1, 133)	0,87	0,06	3,52	
Intra-sujeitos	Definições	F(3, 131)	2,71*	F(1, 133)	5,81*	4,19*	2,82	
	Género x Definições	F(3, 131)	1,11	F(1, 133)	0,13	0,95	2,82	

Nota: * $p < 0,05$ (as razões F são aproximações de Wilks (λ)).

Tabela 6: Resumo da Análise de Regressão para as variáveis predictoras de QDS, QDPS e QDIS

Variável	QDS			QDPS			QDIS		
	B	Erro Padrão	β	B	Erro Padrão	β	B	Erro Padrão	β
Sexo	0,95	0,83	0,12	0,23	0,91	0,03	0,12	0,70	0,02
Idade	0,06	0,08	0,07	0,02	0,09	0,02	-0,08	0,07	-0,11
EESFEM	0,01	0,05	0,02	-0,08	0,05	-0,16	0,05	0,04	0,13
QOS	0,01	0,04	0,04	0,05	0,04	0,15	-0,04	0,03	-0,12
ISS	0,00	0,04	-0,03	-0,07	0,05	-0,16	-0,10	0,04	-0,29

Nota: QDS: $R^2 = 0,021$, $F(5, 117) = 0,51$, n.s.

QDPS: $R^2 = 0,042$, $F(5, 117) = 1,06$, n.s.

QDIS: $R^2 = 0,105$, $F(5, 117) = 2,83$, $p > 0,05$.

O género, a idade, a experiência sexual, a erotofobia-erotofilia e a permissividade sexual serviram de preditores. O método utilizado foi o de inclusão de todas as variáveis simultaneamente. Estas variáveis não predisseram significativamente “ter sexo” ($R^2 = 0,021$, $F(5, 117) = 0,51$, $p > 0,05$) e “parceiro sexual” ($R^2 = 0,042$, $F(5, 117) = 1,06$, $p > 0,05$). Já relativamente à “infidelidade” os resultados foram significativos ($R^2 = 0,105$, $F(5, 117) = 2,83$, $p < 0,05$). As correlações de ordem zero sugerem que as mulheres, os mais erotofóbicos e os menos permissivos têm uma maior amplitude de definição de infidelidade (-0,16, -0,19 e -0,29, respectivamente). No entanto, só a permissividade se mostrou significativamente ligada a esta amplitude (beta = -0,29).

Discussão

Mais de três quartos dos indivíduos considera o sexo vaginal, anal e oral experiências de ter sexo com outra pessoa. Ao contrário do que acontece na maioria dos estudos, para a presente amostra, um comportamento é considerado uma expressão de ter sexo mesmo quando não envolve os genitais de ambos os parceiros, como é o caso do sexo oral. Ainda que as carícias nos genitais cheguem a ser consideradas como tal por aproximadamente metade dos estudantes, é a existência de orgasmo que as transforma numa experiência de sexo. A presença física do outro mostra-se, no entanto, um pré-requisito para que uma experiência seja considerada um exemplo de ter sexo.

Há um maior número de comportamentos associados a ter sexo pela amostra portuguesa, em contraste com os resultados obtidos para estudantes canadianos, norte-americanos e britânicos. Os comportamentos descritos pelos estudantes australianos aproximam-se um pouco mais dos relatados pelos estudantes portugueses, mas as diferenças são, contudo, expressivas. Refira-se, por exemplo, que enquanto 58% dos estudantes australianos considera o sexo oral com orgasmo como um comportamento ilustrativo de ter sexo, nos estudantes portugueses esse valor atinge 83%.

Deste modo, à ideia de ter sexo associam-se vários comportamentos sexuais. Esta situação aumenta a probabilidade de obter informação importante relativa a uma multiplicidade de comportamentos, bem como ao risco sexual em que os indivíduos se envolvem, uma vez que inclui a maioria das práticas que comportam uma elevada probabilidade de infeções sexualmente transmissíveis, se não protegidas, incluindo HIV/SIDA.

As definições de parceiro sexual e de infidelidade são mais abrangentes, envolvendo, por isso, um maior número de comportamentos sexuais. É, assim, possível haver diversos parceiros sexuais, sem que, contudo, tenha havido sexo, bem como estar-se perante um comportamento de infidelidade para com um indivíduo que não é considerado um parceiro sexual. Estes resultados podem ajudar a compreender o número de parceiros sexuais particularmente elevado que é relatado em Portugal, por comparação com outros países (Leridon, Van Zessen & Hubert, 1998), mas não haver diferenças entre os géneros nas definições estudadas não explica o facto de este número ser maior, no nosso país, para o género masculino.

Relativamente às definições de parceiro sexual e de infidelidade, a comparação entre a amostra portuguesa e outras amostras de estudantes universitários só pode ser estabelecida com o estudo canadiano, o único que explorou estas características. Na amostra portuguesa, são mais numerosos os comportamentos que transformam o outro num parceiro sexual e o orgasmo tem um papel nesta assumpção, o mesmo não acontecendo para a

definição de infidelidade. Para esta noção, os resultados são muito semelhantes aos do estudo referido e ilustram uma grande apetência por considerar qualquer prática sexual como denotadora de infidelidade sexual.

A masturbação ao telefone ou ao computador com orgasmo não são sempre consideradas sinónimos de ter sexo, nem o interlocutor envolvido é sempre considerado um parceiro sexual. No entanto, para uma vasta maioria de estudantes, estes comportamentos constituem exemplos de infidelidade sexual. A categorização de um comportamento como ilustrativo de infidelidade é, mais uma vez, muito mais abrangente e parece incluir a mera disponibilidade simbólica para estar com o outro, sem necessitar da respectiva efectivação genital. No entanto, a existência de orgasmo pode ser em parte responsável pela disparidade encontrada na inclusão destes comportamentos nas definições. Importaria averiguar os mesmos comportamentos sem a existência de orgasmo, para apreciar de forma mais conclusiva esta situação.

As diferenças entre idade, género, experiência sexual, erotofilia e permissividade sexual não permitiram identificar factores intrapessoais responsáveis pelas diferenças na amplitude das definições. Só a permissividade contribuiu com 10,5% da variância na definição de infidelidade. Este resultado aponta para o facto de as influências menos permissivas contribuírem para a redução do número de comportamentos sexuais libertos da conotação de “infidelidade”.

Conclusões

Os significados atribuídos a ter sexo, a parceiro sexual e a infidelidade afastam-se progressivamente das trocas *genitalizadas*, do orgasmo e da necessidade da presença do outro, podendo intuir-se um simbolismo crescente ao longo das definições.

A maior amplitude da definição de ter sexo nesta amostra portuguesa tem implicações importantes, pelo menos, em três domínios. Para a prevenção de ISTs trata-se de um indicador positivo, uma vez que aumenta a probabilidade de que os jovens alarguem a um maior número de comportamentos as sugestões de protecção veiculadas nas intervenções. Em particular, considera-se a inclusão do sexo oral e da masturbação mútua como exemplos de ter sexo um bom sinal para a aceitação de comportamentos sexuais que envolvam menor risco de infecção. Para a vivência da sexualidade, pode trazer implicações positivas, uma vez que alarga as trocas disponíveis e não as limita a práticas penetrativas. Sabe-se como os comportamentos sexuais não coitais são referidos como particularmente gratificantes e veículo de intimidade entre os parceiros (Alferes, 1997, p. 137). Por fim, relativamente à investigação, a definição partilhada contribuiu para se ter

acesso a uma multiplicidade de comportamentos sexuais. Importa, no entanto, recordar que o comportamento mais consensual de ter sexo se associa às relações vaginais. Caso se pretendam averiguar outros comportamentos sexuais quando se inquirir sobre ter sexo, torna-se necessário especificá-los, uma vez que nenhum outro é consensual. Na circunstância de se averiguar se “utilizou sempre preservativo quando teve sexo?”, é importante notar que aproximadamente 9% dos estudantes não considera o sexo anal um comportamento ilustrativo de ter sexo e que 54% considera tocar nos genitais do parceiro com orgasmo um exemplo do mesmo. Deste modo, uma resposta negativa tanto pode ser indicadora de um grande risco de IST, incluindo HIV/SIDA, como comportar, comparativamente, menor risco, como no segundo caso. Assim sendo, a amplitude das respostas é tal que importa definir com clareza os comportamentos sexuais que se pretendam estudar, com vista a diminuir a probabilidade de os participantes nos estudos responderem a noções de ter sexo bastante diferentes, em particular por parte do género masculino. As noções de parceiro sexual e de infidelidade sexual exigem igualmente clareza na sua definição pelo facto de incluírem comportamentos mais amplos que podem estar em desacordo com categorias partilhadas pelos investigadores. Recorde-se, por exemplo, que, para quase um quinto dos rapazes, um beijo profundo transforma o outro num parceiro sexual e, para aproximadamente dois terços, as carícias nos genitais são sinónimo do mesmo.

Em face de amplitudes diferentes para as três definições estudadas, enfatizamos, à semelhança do que fizeram Randall e Byers (2003), a impossibilidade de generalizar a partir de uma das definições para as restantes. Efectivamente, é possível estar-se perante um comportamento de infidelidade, com um indivíduo que não é considerado um parceiro sexual e com o qual não houve sexo. Uma vez que a amplitude crescente das definições coincide com a ordem de apresentação dos questionários, deverá investigar-se o efeito desta variável em futuros estudos.

Os diferentes géneros entendem ter sexo, um parceiro sexual e a infidelidade sexual de forma muito semelhante. O facto de se tratarem de estudantes universitários, com um nível cultural mais amplo, pode ter contribuído para a convergência das definições encontradas. Sabe-se que as mulheres com níveis de instrução mais elevados se envolvem em práticas sexuais mais variadas e têm um maior número de parceiros sexuais (Leridon *et al.*, 1998; Sandfort, Bos, Haavio-Mannila & Sundet, 1998). Importa, por esta razão, alargar o estudo a ambientes socioculturais diferentes e mais abrangentes para que estes resultados se possam generalizar. Deve, no entanto, atender-se a que o género masculino tem tendência a incluir mais comportamentos na definição de ter sexo e o feminino a considerar mais comportamentos como ilustrativos de infidelidade sexual.

A ocorrência de orgasmo aumenta a probabilidade de um comportamento ser considerado uma expressão de ter sexo e de uma pessoa ser classificada como parceira sexual. Desta forma, pode ser importante vir a explicitar, na investigação sobre comportamentos sexuais, se a existência de prazer sexual, na forma de orgasmo, deve ser tomada em consideração para as respostas dos participantes.

Uma vez que a menor permissividade do meio social em que o jovem se encontra envolvido contribui para uma maior amplitude da definição de infidelidade sexual, será de esperar um acentuar deste efeito junto de populações menos liberais.

Deste modo, os investigadores e os profissionais no domínio da saúde sexual devem explicitar de forma muito objectiva os comportamentos sobre os quais pretendem comunicar mesmo em face de definições com uma grande amplitude de comportamentos. De outra forma, corre-se o risco de avaliar comportamentos muito diferentes sob a mesma designação e obter uma visão distorcida dos comportamentos e riscos sexuais existentes. Recorde-se que, para 13% dos rapazes desta amostra, o sexo anal não configura uma situação de ter sexo e, para mais de 12% dos estudantes, o sexo oral não transforma o aliado desta prática num parceiro sexual. Do mesmo modo, a ausência de orgasmo nas relações vaginais reduz em 4% a categorização do companheiro como parceiro sexual e para mais de 87% dos estudantes o beijo profundo é ilustrativo de infidelidade sexual.

Referências

- Alferes, V. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Carpenter, L. (2001). The ambiguity of “having sex”: The subjective experience of virginity loss in the United States. *Journal of Sex Research*, 38, 127-139.
- Cowart-Steckler, D., & Pollack, R. (1998). The Cowart-Pollack scale of sexual experience. In C. Davis, W. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer e S. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures: A compendium* (2nd ed., pp. 104-105). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Fisher, W. (1998). The sexual opinion survey. In C. Davis, W. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer e S. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures: A compendium* (2nd ed., pp. 218-223). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Fisher, W., Byrne, D., White, L., & Kelly, K. (1988). Erotophobia-erotophilia as a dimension of personality. *Journal of Sex Research*, 25, 123-151.
- Leridon, H., van Zessen, G., & Hubert, M. (1998). The Europeans and their sexual partners. In M. Hubert, N. Bajos e T. Sandfort (Eds.), *Sexual Behaviour and HIV/AIDS in Europe: Comparisons of national surveys* (pp. 165-196). London: UCL Press.

- Lottes, I., & Kuriloff, P. (1998). Sexual socialization instrument. In C. Davis, W. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer e S. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures: A compendium* (2nd ed., pp. 494-496). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Pitts, M., & Rahman, Q. (2001). Which behaviors constitute “having sex” among university students in the UK? *Archives of Sexual Behavior*, 30, 169-176.
- Purnine, D., & Carey, M. (1998). Age and gender differences in sexual behavior preferences: A follow-up report. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 24, 93-102.
- Randall, H., & Byers, E. S. (2003). What is sex? Students’ definitions of having sex, sexual partner, and unfaithful sexual behaviour. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 12, 87-96.
- Richters, J., & Song, A. (1999). Australian university students agree with Clinton’s definition of sex. *British Medical Journal*, 318, 1011-1012.
- Sanders, S., & Reinisch, J. (1999). Would you say you “had sex” if...? *Journal of the American Medical Association*, 281, 275-277.
- Sandfort, T., Bos, H., Haavio-Mannila, E., & Sundet, M. (1998). Sexual practices and their social profiles. In M. Hubert, N. Bajos e T. Sandfort (Eds.), *Sexual Behaviour and HIV/AIDS in Europe: Comparisons of national surveys* (pp. 106-164). London: UCL Press.